

Metamorfoses do bairro: dinâmicas de ocupação e representação na formação de uma cidade brasileira – Colatina, Espírito Santo

Metamorphosis of the neighborhood: dynamics of occupation and representation in the formation of a Brazilian city – Colatina, Espírito Santo

Metamorfosis del barrio: dinámicas de ocupación y representación en la formación de una ciudad brasileña – Colatina, Espírito Santo

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i3.40265>

Sebastião Camillo de Araújo Netto

Bacharelado em Direito, Mestre em Sociologia Política pela Universidade de Vila Velha, Brasil. E-mail: camilloaraujo1@gmail.com

Frank Andrew Davies

Bacharelado em Ciências Sociais, Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: daviesfr@gmail.com

Fernando Vicente Rébulo Segundo

Bacharelado em Psicologia, Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: fernandovicenth@hotmail.com

RESUMO

Esta investigação é voltada para as transformações dos modos de ocupação e representação de um território urbano a partir da observação sistemática em torno da vida local e de conversas e entrevistas com residentes e frequentadores do bairro Honório Fraga, na cidade de Colatina, interior do Espírito Santo, em 2021. Foram analisados aspectos em torno dos processos que levaram à transição de um bairro operário para universitário. Tomando a cidade e o bairro como casos bons para pensar a produção das cidades brasileiras, pretendemos suscitar discussões a respeito das dinâmicas de territorialização e (re)territorialização que conduzem a formação urbana nos contextos das cidades médias, orientando a disposição dos espaços e suas formas de uso.

Palavras-chave: formação urbana, sociabilidade, cidades médias, bairro universitário.

ABSTRACT

This research is focused on the transformations of the modes of occupation and representation of an urban territory from systematic observation based on the local life and conversations and interviews with residents and frequenters of the Honório Fraga neighborhood, in the city of Colatina, countryside of Espírito Santo in 2021. Aspects were analyzed about the processes that led to the transition from a worker neighborhood to a university

neighborhood. Taking the city and the neighborhood as good cases to think about the production of Brazilian cities, we intend to raise discussions regarding the dynamics of territorialization and (re)territorialization that lead the urban formation in the contexts of medium cities, guiding the arrangement of spaces and their forms of use.

Keywords: urban formation, sociability, medium-sized cities, university neighborhood.

RESUMEN

Esta investigación se centra en las transformaciones de los modos de ocupación y representación de un territorio urbano basado en observación sistemática en torno a la vida local y conversaciones y entrevistas con residentes y frecuentadores del barrio Honório Fraga, en la ciudad de Colatina, interior de Espírito Santo en 2021. Se analizaron aspectos en torno a los procesos que condujeron a la transición de un barrio obrero a un barrio universitario. Tomando la ciudad y el barrio como buenos casos para pensar la producción de las ciudades brasileñas, pretendemos plantear discusiones sobre las dinámicas de territorialización y (re)territorialización que conducen la formación urbana en los contextos de las ciudades medianas, orientando la disposición de los espacios y sus formas de uso.

Palabras clave: formación urbana, sociabilidade, ciudades medianas, distrito universitario.



Introdução

Estudantes universitários estão presentes no cotidiano de diferentes cidades ao redor do mundo. No Brasil, as instituições de Ensino Superior (IES) têm aumentado o volume de vagas e ingressos a partir de reformas educacionais iniciadas nas décadas de 1990. A partir de então ocorreram mudanças significativas nas faculdades públicas e privadas no cenário nacional, tanto em grandes cidades quanto cidades do interior do país. Dentre tais mudanças, estão uma descentralização do ensino nos grandes centros urbanos (Sampaio, 2000), fator esse que afeta diretamente as motivações para esta.

Na trajetória da descentralização das faculdades, embora as grandes cidades ainda concentrem maior parte das instituições de ensino superior, pequenas cidades do interior passaram a compor a rede educacional, principalmente a particular¹ (Sampaio, 2000). A interiorização dessas instituições tem feito emergir transformações no cenário de pequenas cidades, em vista dos fluxos de chegada de estudantes para cursos de graduação na busca por realizações profissionais e acadêmicas (Altbach, 2009).

Nesse contexto, o trânsito de estudantes de ensino superior é também mais uma expressão da migração enquanto fenômeno social contemporâneo, com efeitos sentidos para além das metrópoles nacionais. Na medida em que instituições sociais foram surgindo, como hospitais e escolas, novos personagens também apareceram no cenário urbano, em especial o estudante universitário. Concomitante a isso, Bauman (2006) esboça um crescimento da sensação de insegurança, pois o fluxo de pessoas desconhecidas, migrantes de outros lugares tornou-se uma realidade do contemporâneo, fazendo surgir assim a figura dos(as) estranhos(as).

Para Sampaio (2000), as migrações de estudantes fazem parte do processo de expansão das faculdades privadas para os interiores do país. Decerto havia um certo nível de demanda reprimida do ensino superior fora das capitais, auxiliando assim na redução da migração para os grandes centros. A migração continuou acontecendo, em menor escala, considerando a distância (Sampaio, 2000). Em cidades do extremo norte do Estado do Espírito Santo, teria uma distância aproximada

¹ As políticas públicas do ensino superior passam a ser ampliadas a partir da redemocratização do país, podendo ser divididas em dois períodos cruciais até os dias atuais: o primeiro com o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) cuja concentração impulsionou o surgimento de novas Instituições de Ensino Superior privadas. Nesse período, o Governo passaria a operar como órgão regulador e fiscalizador de novas faculdades, como a Lei nº 9.131/95, que determinava o Conselho Nacional de Educação, cuja Câmara de Educação Superior estabelecia as funções de analistas e pareceres dos processos educacionais do ensino superior, além do Decreto nº 2.306/97, estabelecido para identificar as fronteiras entre as instituições de ensino privadas e as públicas. No segundo período, já no Governo Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), a concentração dos esforços foi na criação de políticas de acesso às vagas criadas diante da expansão das instituições privadas. Nisso, surgiram programas como o Fundo de Financiamento ao estudante do ensino superior (Fies) e o Programa Universidade para Todos (Prouni), voltados para os estudantes matriculados em instituições de ensino superior privadas (Sampaio, 2000).

de 300km; com a expansão das faculdades para o interior, qualquer cidade do estado tem pelo menos uma faculdade em um raio de 50km (IBGE, 2018).

Dado isso, algumas cidades do interior, que antes eram a origem de alunos migrantes, passam então a oferecer condições de permanência para a consecução desses estudos. Além disso, a consolidação de IES nessas cidades repercute na produção de mobilidades estudantis, atraindo novos fluxos e repercutindo na profusão de usos e sentidos aos espaços urbanos por universitários de todo o país, fazendo nascer assim bairros com maior presença de estudantes.

Esta pesquisa se debruça sobre um bairro universitário e, seguindo a literatura sobre o tema, entende pelo termo um conjunto diversificado de locais de moradia e serviços, que recebem (de modo imprevisto ou planejado) um público de estudantes a partir da implantação de um Campus Universitário. Levando em conta a mobilidade implicada à produção urbana dessa forma espacial, que transformações se deram na sociabilidade do bairro a partir do incremento da sua condição de universitário?

Para Manacorda (1989), a criação de bairros universitários planejados, como os de Ouro Preto, em Minas Gerais, e de Campinas, em São Paulo, acontece a partir de um plano de interiorização de campi universitários. A chegada dessas instituições produz uma série de demandas e serviços que fazem nascer não apenas espaços e estruturas educacionais, mas um bairro de perfil universitário de ocupação mista, integrando moradias e serviços em torno dessas instituições. Em contrapartida, há casos de construções de campus, como o da Universidade do Rio de Janeiro e da Universidade de São Paulo, cujas projeções eram de serem as maiores do país, levantando a mesma demanda em igual proporção. Contudo, em vista da proximidade aos centros urbanos, tais bairros condensaram a criação de moradias e aproveitaram a oferta de serviços já existentes na localidade. Estabelecendo conexões com seus entornos, os dois casos representam o projeto de criação de Cidades Universitárias.

Este modelo de Cidade tende a configurar um território urbano delimitado primordialmente e configurado como universitário. Contudo, localidades que não foram preparadas para tal uso perpassam por transformações e disputas únicas, uma vez que já são ocupadas por um ou mais grupos sociais dos quais os universitários não fazem parte. Por esse motivo, a pergunta específica sobre o que caracteriza um bairro universitário não descarta as possibilidades, mas permite a imersão em um questionamento geral sobre os processos de transformação de um território em *universitário*.

Neste caso, tomamos para análise o caso do bairro Honório Fraga, situado na cidade de Colatina no interior do Estado do Espírito Santo. Desde o início da sua ocupação urbana até os anos de 2000, a vida local estava associada à condição operária e girava em torno das atividades de um frigorífico nas vizinhanças; a partir desse período e a abertura de novos cursos de graduação na área

da saúde por um IES privada sediada no bairro, Honório Fraga, tem sido caracterizado como um "*bairro universitário*", tipificado pelas formas de moradia e sociabilidade desse grupo social.

Assim, este artigo se desdobra de uma investigação acerca dos efeitos da migração de estudantes universitários para o cotidiano do bairro de uma cidade média do interior de um estado brasileiro. Tomando a história local a partir dos seus fluxos de ocupação, este artigo pretende levantar reflexões em torno das dinâmicas de mobilidade que dão forma às cidades contemporâneas por meio de conciliações e disputas. Tomando Colatina e o bairro Honório Fraga como casos bons para pensar (Bachelard, 1996) a produção do urbano brasileiro, pretendemos suscitar discussões a respeito das linhas de força e das lógicas de ordenamento que conduzem as cidades, orientando a disposição dos espaços e suas formas de uso.

Para tanto, este trabalho se realiza a partir de diálogos entre os autores, a partir da pesquisa de mestrado desenvolvida por Araújo Netto (2021). Para esta investigação *in loco*, realizada entre os meses de abril e julho de 2021, foram entrevistadas seis moradoras e moradores do bairro Honório Fraga. A realização dessas entrevistas teve dois eixos norteadores: 1) como residentes percebiam os movimentos de migração e ocupação do bairro (os primeiros que chegaram, a migração dos estudantes universitários e dos que não são universitários; 2) como se estabelecia a rotina de uso dos espaços públicos, no caso, se há disputas e reconhecimentos em torno dos espaços entre os grupos de estudantes e dos demais moradores da área.

Para uma compreensão sensível em torno das dinâmicas sociais e urbanas que envolvem a localidade, esta investigação foi apoiada em três dimensões investigativas sugeridas por Lefebvre (1995): a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão genética, contemplada por um processo metodológico regressivo-progressivo. A descrição visível ocorre por meio da experiência do pesquisador, em contato com o campo e no diálogo com a teoria. Já a análise regressiva se caracteriza por um processo de busca da história do território, enquanto a progressão genética reúne uma exposição do quadro presente, indicando aspectos da realidade social, dos conflitos observáveis, relatados e construídos historicamente. Assim, esta pesquisa engloba tanto uma análise horizontal, no que tange às relações sociais do cotidiano, e uma análise vertical, referente às temporalidades do território, em particular aos períodos de formação e migração dos universitários para o bairro.

Situando o bairro Honório Fraga e aspectos desta pesquisa

A fim de explorar as transformações no cotidiano das cidades tendo o bairro como território privilegiado, esta pesquisa considerou dois fluxos migratórios como centrais para a formação e o desenvolvimento de Honório Fraga: o primeiro deles, a partir do final dos anos 1960, se deu com a

abertura de ruas e construção das primeiras casas, ao passo que o segundo fluxo ocorreu a partir dos anos 2000, com novos cursos de graduação da área da saúde no Centro Universitário do Espírito Santo (Unesc), localizado no bairro desde os anos 1980.

Mesmo sendo uma cidade do interior, Colatina mantém o posto de uma das cidades mais relevantes em termos econômicos do Estado do Espírito Santo. Com pouco mais de um século de idade, o município passou por grandes transformações urbanas, deixando de ser um pequeno distrito no início do século XX para se tornar uma cidade de 120 mil habitantes em 2018 (IBGE, 2020).

Concebida como entreposto comercial entre Vitória, a capital, a região norte do Estado e cidades de Minas Gerais e Bahia, Colatina serviu de base para madeireiros e produtores de café desde o início da sua história. Com o incremento dessas atividades por volta das décadas de 1950 e 1960, a cidade viveu uma intensa dinâmica de expansão e afluxo de migrantes, levando administradores locais a se preocuparem com a provisão de habitações populares. Naquele período, através do projeto de novas zonas residenciais, foi iniciada a construção dos Conjuntos Habitacionais 1, 2 e 3 pela Companhia de Habitação (Cohab), dando forma ao bairro de Honório Fraga (Teixeira, 1974).

Em busca de moradia e trabalho na região, os primeiros que chegaram foram atraídos pelo crescimento da atividade industrial em Colatina. No bojo desse processo, foi inaugurado um grande frigorífico em 1971, se destacando em meio a indústrias de tecelagem, metalúrgicas, beneficiadoras de café e outras nas imediações do bairro, fortalecendo a ocupação urbana e a representação simbólica de Honório Fraga enquanto um bairro operário, por esse ter sido o principal perfil de residentes até o final do século XX (Cunha, 2021).

Formado a partir de ruas retificadas e moradias padronizadas, construídas pela Companhia de Habitação, a localidade teve suas primeiras casas entregues em setembro de 1968. Segundo os entrevistados, a aquisição desses imóveis se dava por venda, mas também doação, através de políticas do Banco Nacional de Habitação (BNH) para os segmentos populacionais considerados de baixa renda. No início de 1979, já eram mais de 350 famílias na localidade (Espírito Santo, 1980).

Durante a década de 1980, o Brasil vivia um processo de redemocratização ao mesmo tempo em que resistia a uma grave crise econômica e de reestruturação dos ministérios, culminando em um grau de desordem administrativa e fechamento de diversas empresas públicas, afetando as políticas sociais em diferentes níveis. As empresas gestoras dos Cohabs foram sendo desmanteladas e fechadas com o passar dos anos, reduzindo o controle do Estado sobre a produção habitacional. Assim, o processo de urbanização brasileiro sofreu com lacunas nas políticas públicas de moradia e na falta de controle sobre as migrações (Renk, 1999).

Já o segundo momento de ocupação está relacionado à chegada de estudantes universitários, atraídos pela oferta de cursos da área da saúde abertos a partir dos anos 2000 na instituição privada

localizada no bairro. A ampliação das atividades de ensino aumentou de forma considerável a chegada de estudantes de outras cidades e até mesmo estados, transformando aspectos do cenário urbano e formas de sociabilidade local. A busca por moradia e espaços de lazer por parte dos novos residentes, por exemplo, fez com que moradores estabelecidos no bairro buscassem adaptações frente a um novo perfil de morador e, a partir daí, transformou a paisagem urbana local. O interesse de estudantes da área da saúde por alugar moradias do tipo conjugado e quitinete no local trouxe efeitos de verticalização para as construções do bairro, uma vez que são consideradas oportunidades de ganho àqueles que podem "empreender" neste momento. A partir da emergência de novos usos e funções, outras questões, problemas e configurações se estabelecem no cotidiano local a partir da transformação do bairro operário em universitário.

Assim, esta pesquisa foi realizada com moradores do bairro entre os meses de maio e junho de 2021. O grupo de seis pessoas entrevistadas inclui um universitário do curso de medicina, um ex-universitário formado médico no Unesc e outros quatro moradores do bairro, residentes sem vínculo com a instituição. O local e o horário para realização das entrevistas foi escolhido pelos participantes a fim de não comprometer as rotinas diárias dos mesmos. Para localizar e formar essa amostra, a associação de moradores do bairro foi consultada para algumas dessas indicações, orientando que pessoas poderiam dizer sobre a história do bairro. O convite para participação foi feito através de contato telefônico, ao que em alguns casos utilizamos a técnica de amostra de bola de neve para alcançar outras pessoas. O principal critério para seleção dos participantes foi o de serem residentes do bairro, a fim de analisarmos as dimensões do cotidiano e essas experiências pessoais sob privilégio dessa perspectiva. A seguir, dados gerais sobre o grupo e um breve perfil desses entrevistados.

Tabela 1 – Dados dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Tempo de Residência no Bairro
Tadeu	64	47 anos
Amaral	41	22 anos
Michele	47	27 anos
Roberto	30	2 meses
Sampaio	23	3 anos
Aline	74	45 anos

Fonte: Composição dos autores.

Tadeu e Alice são moradores do território. Mesmo antes da existência do bairro, a amizade entre os dois aconteceu por intermédio da mãe de Aline, que foi atender Tadeu quando ele sofreu um acidente de trabalho e precisava de cuidados médicos. Foi nessa época que Aline conheceu o esposo e se casou poucas semanas depois. Os três moravam em uma casa de propriedade dos donos

do Frigorífico Frisa, e a residência servia de apoio para alguns operários da construção do Frisa. Atualmente Aline possui cerca de 30 imóveis alugados para universitários, os quais relata tratar como filhos.

Tadeu era um jovem de 17 anos quando se mudou para o território, trabalhando no Frisa e estudando na Escola Federal Agrotécnica. O trabalho na construção do Frisa era árduo, tentava conciliar com as aulas, quando as casas da Cohab começaram a ser distribuídas, foi um dos primeiros a ser contemplado com uma casa de dois quartos, uma sala, um banheiro e uma cozinha. Com o passar dos anos, casou-se, teve três filhos e a casa também cresceu, hoje com 3 andares para suportar toda a família.

A família de Amaral também migrou para Colatina em busca de trabalho. Saíram do interior de Baixo Guandu (ES). Atualmente trabalha em uma lavanderia, pai de dois filhos e não se enxerga vivendo em outro bairro do município. Relata que, em um futuro, pretende ir morar no interior.

Michele chegou ao bairro com pouco mais de sete anos, se lembra de ter gostado muito do bairro, das casas quase todas iguais, das ruas cheias de árvores. Quando criança, era um lugar perfeito para brincar. Possui atualmente um escritório de contabilidade onde cerca de 90% dos clientes são de comerciantes do bairro.

Roberto foi aluno da primeira turma de medicina do Unesc, concluindo o curso em 2011. Morava na casa do tio no bairro centro, mas não saía do Honório Fraga, preferia ficar lá em uma república com os amigos, se apegou tanto ao bairro que dois meses antes da realização dessa entrevista adquiriu uma residência a poucos metros da faculdade. Mora com esposa e filha no bairro onde afirma ter se apaixonado inteiramente pelo clima e receptividade do local.

Sampaio é estudante do sétimo período do curso de medicina, foi morar no bairro logo que se matriculou no Unesc. Afirma ter mais amigos no bairro hoje do que no curso ou em seu antigo bairro em outra cidade do norte do estado.

A entrevista era aberta com uma pergunta disparadora, “como é a sua história aqui no bairro Honório Fraga, me fale quando chegou, os momentos marcantes e sua trajetória de vida como trabalho, amigos, família, cotidiano”, durando de 20 a 50 minutos cada. Cabe ressaltar que a pandemia do vírus Covid-19 afetou minimamente a coleta de dados, pois todas as recomendações de higienização e distanciamento foram respeitadas. Ao término da coleta de dados, todas as entrevistas foram transcritas e analisadas em busca de informações que pudessem corroborar com uma escrita sobre a história do bairro e o cotidiano dos moradores.

Nas seções seguintes, é feita uma análise das percepções desse grupo de moradores acerca da história local, suas dinâmicas de formação e transformação até os dias atuais. Nesse caminho, refletimos os efeitos e sentidos atribuídos a essas mudanças, avaliando as interpretações acerca das rotinas de um bairro operário que se torna universitário.

Os primeiros chegados e a formação do bairro operário

A ocupação da área que hoje corresponde a Honório Fraga está na lei municipal de Colatina desde 1954, pela previsão de novas zonas residenciais e industriais na margem oposta do Rio Doce em relação ao centro, sob as margens deste curso de água. Desde os anos 1940 a cidade vinha crescendo em termos populacionais e econômicos, orientando o necessário planejamento dessa expansão urbana² e a formação dos bairros a partir desse período .

A fim de reduzir a concentração de habitantes no centro, foi anunciada a construção de casas unifamiliares pela COHAB em Honório Fraga, o que despertou o interesse de algumas pessoas e, entre elas, Dona Alice, à época recém-chegada de outro estado:

Eu Nasci em Santa Tereza, vim morar aqui em Colatina, quando tinha 17 anos e conheci meu finado marido. Éramos trabalhadores meeiros em uma fazenda de café daqui, foi por quase 10 anos, estávamos bem financeiramente, mas meu marido colocou na cabeça que tínhamos que ir tentar a vida na Bahia, vendemos tudo que tínhamos por aqui e partimos. Ficamos seis meses na Bahia, em Teixeira de Freitas, não tivemos nenhum tipo de rendimento, só prejuízo, não conhecemos ninguém e a pequena mercearia que montamos não foi para frente, aí ficamos sabendo das casas da Cohab, voltamos às pressas, tínhamos empregos aqui quando quisermos, ainda na fazenda, conhecíamos todo mundo, então voltei e fiquei na casa de uma tia lá no centro, e entrei em uma fila de espera para uma casa da Cohab, funcionava assim, a gente se cadastrava e esperava para ser contemplado, era meio que sorte (Alice, entrevistada em 25 de Maio de 2021).

O caso da família de Alice demonstra como fluxos e deslocamentos são experimentados no cotidiano de formação das cidades brasileiras. De forma diferente, a experiência se dava em Colatina, onde a rede de suporte permitida pela presença de familiares, além do contexto social e político de criação das zonas residenciais e conjuntos habitacionais subsidiados pelo governo, permitiu naquele período um estabelecimento mais seguro nesse território. Ressalta-se também que nesse caso específico havia uma situação econômica estável na família, e a migração para Teixeira de Freitas foi para realizar um investimento, situação diferente da maior parte dos migrantes, que em maior parte migraram por melhores condições de trabalho ou por alguma condição de trabalho (Brito, 2004).

Para Bauman (2019), as migrações são um desafio ético aos governos. Com uma forte tendência de cada vez mais pessoas migrarem, ao passo em que persistem poucas ou nenhuma estrutura para recebê-las nos diferentes países de destino, os cenários onde costumam ser acolhidas são habitações precárias, em trabalhos temporários sob condições informais. Assim como Alice, Amaral conta como ele e sua família chegaram em Honório Fraga a partir de redes familiares, partindo de bicos a melhores formas de emprego no curso dos anos:

² Entre as décadas de 1940 a 1980, Colatina teve um salto populacional, indo de 3.913 para 61.120 habitantes, efeito de forte movimento migratório (IBGE, 2018).

Quando vim morar aqui entendi o que era roça, meus pais eram da roça, ainda temos o sítio lá da roça até hoje. A gente morava lá de Baixo Guandu, aí compramos uma casa em Baixo Guandu achando que a situação de trabalho iria melhorar, mas não, ficamos uma semana em Baixo Guandu e vinhamos para Colatina. Eu te falei da roça né, então, aqui é interior, mas a roça para mim é o interior do interior, lá não tinha nada, meus pais eram feirantes, vendem o que produzimos no sítio, mas a situação era muito ruim, meu irmão e eu já tínhamos ficado adultos, tínhamos que trabalhar, o único lugar que parecia ter emprego aqui na região era em Colatina, o restante ninguém falava nada, sempre falavam de Colatina, uma tia minha tinha vindo para cá alguns anos antes, conseguiu comprar uma das casas do Cohab, a gente conseguiu alugar, pois chegamos em 1982. Se passaram três dias e meus pais estavam trabalhando, um vizinho estava fazendo reformas na casa dele e eu e meu irmão ajudamos, e fomos assim, onde tinha uma reforma ou construção estávamos lá, até eu consegui um emprego no centro e meu irmão em um mercado aqui do bairro, ele trabalha nesse mercado até hoje (Amaral, entrevistado em 26 de Maio de 2021).

A migração da família de Amaral fez parte de um fluxo de êxodo do campo para as cidades. Colatina desfruta de uma posição estratégica para o acesso a estados do Norte e Nordeste do país, além de ter investido na criação de zonas urbanas e industriais a partir dos anos de 1950. A crise dos pequenos produtores desencadeou um “êxodo rural” no âmbito nacional (Camarano; Abramovay, 1998). Com o declínio das pequenas propriedades rurais, por todo o país, o trabalho no campo se exauriu; nisso, os trabalhadores, como os da família de Amaral, encontraram em zonas urbanas, como a de Colatina, um lugar de rentabilidade para o sustento da família.

Esse perfil de migrante modificou o cenário urbano de muitas cidades pelo país afora, horizontalizando a expansão das cidades, na maioria das vezes por áreas não planejadas e sem saneamento básico, como demonstra Brito (2004). Em específico, o caso do Bairro Honório Fraga não foi esse, o bairro nasceu com uma infraestrutura com esgoto, iluminação, água encanada dentre outros, e não tão afastado de uma zona industrial emergente (Cunha, 2021). Por sua vez, o crescimento econômico do município de Colatina atraiu investidores de todos os tipos e possibilidades, a exemplo da família de Michele:

Meu pai tinha uma distribuidora de combustíveis, viu em Colatina um ótimo local para instalar um entreposto de abastecimento para os caminhões. O valor dos imóveis aqui, em Honório, por volta dos anos de 1970-75, eram bem acessíveis. Então foi assim, tinham as casas do Cohab e ao entorno começaram a aparecer o pessoal construindo novas casas, tinha um imobiliária que vendia, o meu pai alugou uma das casas do Cohab e construiu o entreposto da empresa, fazendo ficar mais fácil a distribuição de combustível para o interior da Bahia e Minas Gerais, em um desses terrenos que eram vendidos pela imobiliária. Era o tempo todo chegando pessoas procurando emprego, vinham de todos os lugares do Estado, até da Bahia e Minas Gerais vinha gente, então eu lembro que sempre tinha alguém construindo uma casa, reformando as casas da Cohab, ou construindo prédios para empresas, como o meu pai (Michele, entrevista realidade em 06 de Junho de 2021).

A expansão urbana de Colatina, acelerada desde os anos 1940 e que planeja a ocupação residencial de Honório Fraga já na década seguinte, tem sua dinâmica de formação urbana em pleno impulso nos anos 1960 e 1970, como relacionado por Michelle e vivenciado por sua família em ocasião da chegada à localidade. Todavia, o bairro teria suas atividades estagnadas nos anos seguintes, preservando em grande parte os serviços e condições de infraestrutura. Em paralelo,

bairros “favelizados” foram criados ao redor, como Pôr do Sol, São Marcos e Novo Horizonte, imprimindo problemas como falta de saneamento básico e sensações de insegurança etc. (Cunha, 2021). Para Santos (2008:2), esse fenômeno é comum e se faz como uma experiência da escassez, em que há um detrimento de algumas populações em relação a outras; trabalho e produtos são finitos e à medida que os territórios crescem descontrolados, há uma luta diária por sobrevivência no mundo capitalista.

O surgimento de bairros planejados pela Cohab, como o Honório Fraga, passou a ser uma estratégia nacional de reorganização urbana para dar conta de territórios, cujo crescimento populacional ultrapassou as expectativas e planejamento estatal prévio, criando assim novos espaços urbanizados nas redondezas das cidades (Azevedo; Mares Guia, 2007). Dessa forma, o bairro Honório Fraga contribuiu na recepção e na reorganização do cenário urbano de Colatina (ES), principalmente com os trabalhadores das fábricas. Nas décadas seguintes, um grupo diferente desembarcou no pequeno bairro e iniciou um processo de transformação na sua rotina e nas formas de uso de seus espaços, os universitários.

Os universitários e a transformação em bairro universitário

Se, por um lado, o universitário migrante estava enfrentando a realidade de mudar para um novo território, por outro lado, o território não esperava pela chegada desses novos moradores. Decerto, a transformação do cotidiano pode perpassar por diversos fatores, nisso, a chegada em massa de universitários levou o bairro Honório Fraga a uma corrida por uma espécie de “adequação do território”. De acordo com Tadeu, o bairro foi transformado drasticamente com o fluxo de migrantes universitários:

Eu morava aqui antes de terem as casas, morava na casa de um dos donos do Frisa, ele tinha fazenda em Santa Teresa e meu pai trabalhava nesta fazenda, quando eu fiz 16 anos ele me mandou para cá, para estudar, acabei trabalhando na construção das casas do bairro Honório Fraga, também fazia de tudo no Frisa. Era tudo mata, tinha uma pista de pouso, de um aeroclube, removeram para construir as casas dos anos 1967 aos anos 2000, as casas eram pouco modificadas, haviam ampliações, mas a partir do ano 2001 quando muitos estudantes começaram a procurar moradia de aluguel aqui, tentaram fazer reformas que não tinham sido feitas em 30 anos em seis meses (Tadeu, entrevista realizada em 30 de Maio de 2021).

Além dos desafios inerentes à formação educacional em nível superior, o universitário vindo de outra cidade ou estado enfrenta as dificuldades do deslocamento, uma vez que em muitos casos se afasta das redes de suporte inscritas em seu endereço de origem, próximo a familiares, parentes e amigos. Uma realidade bastante complexa, pois se por uma via o território físico exige um esforço de localização espacial e temporal por parte do migrante, o território subjetivo exige reconfigurações em torno dos hábitos, costumes e convenções, além das nuances em torno das

culturas e históricas local, ou seja, (in)prescinde um duplo aprendizado em torno de como ser e estar em cada território.

Tomando o território enquanto espaço vivido e passível de transformação por seus habitantes, considera-se que as relações próprias com os espaços são estabelecidas e reconfiguradas em constância, o que significa levar em conta que as ideias e práticas em torno dos territórios são necessariamente provisórias. Dessa forma, a experiência migratória envolve uma construção prática e simbólica sobre um novo território enquanto próprio. A (re)territorialização, neste caso, se intensifica em sentidos pela supressão da percepção em torno de um lugar estranho (Haesbaert, 2014).

A presença de estudantes universitários na rotina do bairro teve início com a inauguração do Unesc no bairro, ainda no ano de 1980. Nessa época, o único curso oferecido pela instituição era Direito, com pouco mais de 500 alunos já nos primeiros anos. Ao longo do tempo, com a progressão na oferta de cursos e a ampliação do número de estudantes, a intensa convivência entre moradores e frequentadores não repercutia em novos interesses por fixação no local, todavia.

Segundo os entrevistados, a situação começaria a mudar a partir de 2001 e 2002, quando foram abertos cursos de graduação na área da saúde, como Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Nutrição. De acordo com representante do Unesc entrevistado por esta pesquisa, a maioria dos matriculados nas primeiras turmas tinha origem em cidades próximas, como Linhares, Sooretama, Rio Bananal, Nova Venécia, São Mateus, dentre outras. Como comentado, até esse período os universitários à época não tinham como costume estabelecer moradia no bairro, pois havia ônibus alugados que faziam diferentes percursos entre cidades próximas e a IES nos horários de entrada e saída dos turnos. Ao invés dos deslocamentos ao longo do dia, os universitários da área da saúde precisavam passar o dia inteiro na instituição e, por conseguinte, no bairro, frequentando bares e restaurantes. A convivência entre moradores e estudantes se atravessava por uma distinção de vestuário, visto que estes eram reconhecidos por usarem jalecos e roupas brancas. Michele relata essa forma de identificação a nível local:

Eu vi, percebi tipos de mudança com a chegada dos alunos da saúde, os primeiros eram, ali por volta de 2000, eram mais festeiros, não, na verdade não, eles frequentam mais os bares, tinham mais presenças nos bares, entende. As ruas que tinham bares viviam cheias de alunos com os jalecos brancos, depois foi parando isso, mudou o formato do curso, alguns não eram mais integrais, mas tinham uns alunos que moravam por aqui e faziam farra, todos vestidos com os jalecos brancos. Mas depois de uns anos reduziu, os alunos de medicina começaram a frequentar os bares também, mas depois reduziu muito, de 2008 a 2010 se eu não me engano a redução foi grande, aí estabilizou, os bares continuavam cheios, mas não como antes, e eu acho que a questão dos estudos pegou para eles também, é um curso difícil, eu falo por ter uma filha cursando medicina, e grande parte do tempo livre dela é estudando em casa (Michele, entrevista realizada em 06 de Junho de 2021).

A busca por moradia de aluguel no bairro crescia a cada ano e a partir de 2005 se tornou maior com a abertura de cem vagas para a primeira turma de medicina. O uso de roupas brancas se

intensificou no bairro e passou a marcar a rotina local, identificando um tipo de moradia que viria para ficar depois das aulas. Roberto, aluno da primeira turma de Medicina, relata como foi chegar ao bairro na época:

Eu morava no interior de Minas Gerais, depois me mudei para o centro de Colatina, para estudar medicina no Unesc, mas ficava no Honório Fraga o tempo inteiro, sou da primeira turma de medicina né? A gente chegou e tinham outros cursos que eram da saúde e os alunos frequentavam o bairro bem antes da gente, mas eles não moravam lá, pelo a maioria, eles vinham pela manhã e voltavam à noite para as cidades deles. Eu vi a mudança de perto, no primeiro ano eram aproximadamente 100, no segundo ano aproximadamente 200 alunos, e assim foi crescendo ano após ano. Uns amigos alugaram uma casa juntos, aí eu fiquei lá de penetra. O que estou querendo dizer é o seguinte, os antigos alunos, eles iam embora todos os dias, nos dias que não tinham aula não vinha para cá, mas os alunos de medicina moram aqui, quando não tem aula eles ficam por aqui, fim de semana, feriados, à noite, usam o bairro, vivem aqui por cinco, seis anos. Claro que visitam os familiares, mas uma ou duas vezes por ano, um dos meus amigos nem ia assim, ficava aqui direto, ia para casa dos pais no natal e ano novo, depois voltava. Eu sinto que em parte foi isso que fez a gente mudar a relação com o bairro, isso de ficar muito tempo aqui, antes a gente era muito festeiro, fazíamos muita bagunça (Roberto, entrevista realizada em 12 de Junho de 2021).

As dinâmicas de territorialização e (re)territorialização de Honório Fraga têm conciliado projetos de ocupação e representação do espaço, colocados em curso por meio de agentes sociais distintos em períodos variados no tempo. As reinvenções simbólicas e práticas de espaços do bairro, em certo sentido, confluíram moradores que já ocupavam a localidade aos novos chegados. Na perspectiva de Roberto, um dos estudantes de medicina segue residindo na localidade desde a abertura do curso, ainda que os novatos em Honório Fraga fossem marcados pela condição de estudantes universitários e pelo uso de roupas brancas, foram estabelecidas conexões com a população local a partir da realização de encontros e festas dos quais uma parcela desses moradores participavam, em especial jovens como os universitários. De acordo com nosso entrevistado, eram comuns festas no meio das ruas das localidades, mas também em sítios particulares nos quais a ausência de jalecos não permitia identificar quem era estudante e quem não era.

Àquele momento, um novo cotidiano passa a se constituir na localidade, através das ações de um novo tipo de morador, os estudantes universitários e suas disposições em torno das práticas e representações do território. Seguindo Lefebvre (1974), pode se compreender que Honório Fraga entra em crise frente às transformações do cotidiano realizadas por seus habitantes, em seguida encontrando condições de estabilidade para a manutenção da existência dos espaços e suas formas de convivência. Menos impactante que as festas foram os efeitos sobre o mercado imobiliário. De acordo com os entrevistados, foi praticamente uma “corrida do ouro” para que os moradores e proprietários locais construíssem novas opções de moradores a fim de abrigar o novo público residente.

A “oportunidade” de ganhos, por um lado, significou, por outro, um sentido dissonante às representações em torno do bairro em que viviam e construíam suas rotinas: da condição de lugar

para uma vida operária, Honório Fraga passava a se apresentar como bairro universitário, rompendo com formas simbólicas usuais e concebendo outras formas de (re)territorialização, codificadas por outros elementos visuais. Uma das mudanças estava no ritmo desses modos de ocupação: se a urbanização pelo projeto operário ocorreu em especial por meio da venda do imóvel, produzindo uma fixação mais perene no bairro, os novos chegados se caracterizavam por uma fixidez provisória, sensível ao tempo do curso e que abre espaço para a recepção de novos estudantes e moradores com frequência. Conflitos e ajustes se deram no curso dos primeiros anos de chegada dos moradores-estudantes, e Tadeu descreve como foi esse processo de falta de preparação do bairro para a vinda desse público:

Foi meio estranho, de um dia para o outro, como se fosse uma invasão, todo ano eram muitos alunos procurando local para alugar, isso desde o início de 2000, todos os dias eu era chamado para fazer orçamento de pintura, reforma, ampliação, construção, e é até hoje, só que hoje estão construindo prédios com mais de quatro andares, vários apartamentos por andar, todos pensando em qualidade, espaço, alguns estão até começaram a investir nos apartamentos já mobiliados, mesmo sem saber se vai continuar assim (Tadeu, entrevista realizada em 30 de Maio de 2021).

Um estudante de medicina que mora no bairro há três anos relata movimentações entre apartamentos, indicando uma oferta de aluguel de imóveis variada na localidade. Nesse sentido, a situação inicial de crise parece contornada frente às satisfações do nosso entrevistado com a rede de serviços que encontrou na localidade:

Quando eu vim morar aqui, meu pai me colocou em uma *kitnet*. Era muito ruim, isso é recente, faz seis meses que eu saí de lá, hoje eu divido apartamento com dois colegas de curso, mas mesmo assim é bem melhor que a *kitnet*, era muito pequena, não dava para cozinhar, quando lavava as roupas tinha que pendurar parte do quarto. Eu acredito que o bairro acomoda bem a gente, eu que não tive tempo de pesquisar mais na época, pois morava em outra cidade, aí ficar vindo apenas para pesquisar apartamento não era uma opção, tinha que vim e ficar por aqui, e a maioria das pessoas com quem falamos indicaram o bairro (Sampaio, entrevista realizada em 07 de junho de 2001).

Michelle, moradora de Honório Fraga há décadas, reforça a percepção de que houve uma adaptação exitosa dos empreendedores do bairro em relação à demanda por moradia dos estudantes da instituição. A verticalização de construções e a inauguração de um condomínio são exemplos das condições em que esses novos usos do território têm produzido suas próprias materialidades:

Foi justamente com a chegada dos alunos de medicina que o pessoal começou a se preocupar mais com a qualidade dos apartamentos. Até tinham muitos alugados para os alunos dos outros cursos, mas o pessoal daqui do bairro acredita que o estudante de medicina tem um poder aquisitivo maior e uma exigência maior também, o que não deixa de ser verdade. Inclusive você pode ver, antes de chegar à Unesc tem um condomínio fechado, é certeza que a maioria dos moradores são estudantes de medicina lá. Aquele condomínio apenas existe por terem tantos estudantes aqui, as casas do bairro cresceram também, e rápido, de 2000 a 2010 era muitas reformas e ampliações, hoje os moradores estão construindo prédios com quatro, cinco andares (Michele, entrevista realizada em 06 de junho de 2021).

Além da sociabilidade local e da questão da moradia, vale chamar atenção para um entendimento comum de que os novos moradores não disputam oportunidades de trabalho como os moradores antigos; bem ao contrário, segundo os entrevistados, eles levam movimentação econômica ao bairro, incrementando o consumo de serviços e produtos, por meio de compras e pagamento de aluguéis.

Assim, as eventuais relações de conflito envolvendo os grupos sociais que formaram e chegaram posteriormente ao bairro estariam atenuadas por fatores associados às configurações que conservam esses grupos em relação aos usos e sentidos que atribuem à localidade em que vivem. Apesar dessas questões, convergem todas as pessoas ouvidas para a identificação de Honório Fraga como um bairro universitário, marcado por experiências do cotidiano atravessadas pelas configurações da vida estudantil. O morador operário não percebeu o novo morador como ameaça às formas de vida local e às suas condições de trabalho, podendo ser esse um fator de congruência às relações estabelecidas a nível local e ao modo como o território é percebido.

Assim, pode-se afirmar que o território ainda não passa por um momento de disputa por espaços, principalmente na questão da moradia. Contudo, alguns indícios demonstram que a migração dos migrantes universitários está causando outras transformações no cenário urbano. Há cada vez mais a demanda por melhores condições de moradia, repercutindo no já conhecido fenômeno da especulação imobiliária. Como moradores, Tadeu e Michele já perceberam parte desse momento de especulação:

Eu acho que saturou, não já tem mais espaços vagos do que alunos procurando para alugar, e os alunos também estão buscando lugares para compartilhar, o aluguel subiu muito, claro, a qualidade também, mas mesmo assim, eu não colocaria minhas economias hoje nesse tipo de imóvel, a não ser que eu soubesse que o número de cursos iria aumentar aí a gente já pensa no futuro e nos que estão por vir, realmente eu acredito que estabilizou, e o alto valor está afastando (Tadeu, entrevista realizada em 30 de Maio de 2021).

Olha, não tem como afirmar 100%, mas há sim uma preferência de alugar para o universitário, se eles gostarem do apartamento e localização, acabam ficando por cinco, seis anos. O imóvel continua ocupado, então algumas pessoas investem em qualidade, pois o valor baixo do aluguel pode deixar a desejar na questão da qualidade. Coisas como ar condicionado, espaço físico, se o apartamento já está mobiliado ou não, tudo conta e isso faz com que os preços subam, mas há a questão do bairro em si já ser conhecido por ter moradia, percebo assim um aumento no aluguel, eu mesmo aumento a cada contrato novo e alugo apenas para universitários (Michele, entrevista realizada em 06 de junho de 2021).

De fato, no caso do Honório Fraga, os territórios em transformação são uma marca do nascimento do bairro, com muita clareza no contexto das propostas de urbanização. Isso ocorre privilegiando os operários como um grupo social predominante, proprietários legais de grande parte das residências.

Ainda nesse caso, nota-se a importância de movimentos migratórios, em tendências de transformações dos territórios. Não se pode negar que os fluxos migratórios conservam marcos na

constituição desses espaços, revelando questões, desejos e experiências dos migrantes que compõem essas dinâmicas. Assim, a motivação para a transformação nem sempre está ligada a uma vontade de permanência no território, mas à possibilidade de chamá-lo de lar.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi levantar pontos e analisar aspectos das transformações urbanas que repercutem os incrementos das atividades educacionais, e mais especificamente universitárias, sobre um contexto de cidade média no interior do Brasil. Embora tendo se utilizado de um estudo de caso, a preocupação metodológica claramente esboçada para a utilização dos dados se baseou nas percepções de diferentes moradores, revelando a complexidade do tema e seus efeitos para as formas de sociabilidade local.

No que tange à mobilidade engendrada pelas atividades universitárias, buscou-se explorar o uso dos espaços urbanos para além das disputas e conflitos sociais, dando contorno às combinações sociais oriundas das novas instalações em estruturas físicas e do estabelecimento de dinâmicas entre diferentes grupos sociais, como universitários e operários.

O urbanismo, aqui entendido como um conjunto amplo de questões em torno de formas, organizações e evoluções das cidades e seus espaços, se faz como um importante vetor de análise e reflexão sobre o tema, uma vez que permite a compreensão em torno das condições que um bairro operário se converte em bairro universitário. O debate aqui proposto se debruçou sobre o aspecto perceptivo daqueles que residem no território, levando em conta os aspectos que constituem o cotidiano dos participantes desta pesquisa.

Ao buscar outro lugar para seguir os estudos, o universitário que migra de cidade lida com os desafios do afastamento da família e amigos ao assumir nova rotina em outro espaço. Ao ingressar no ensino superior, acumula além das exigências escolares o desafio de se (re)territorializar, o que leva a ajustes e transformações de variados tipos e aspectos. Ao longo de décadas, os universitários conquistaram um espaço simbólico em Honório Fraga modificando as relações firmadas em torno deste território. Hoje, os moradores conhecem a localidade como um “bairro universitário”.

A iniciativa de construção de casas pela Cohab entre as décadas de 1960 e 1970 naquela localidade de Colatina, sem dúvidas não levou em conta a posterior chegada de estudantes universitários vindos de outros lugares, na busca por moradia durante seus anos de formação. Foram os próprios residentes que buscaram realizar as adaptações necessárias a fim de atender os usos esperados pelos novos residentes, garantindo sua permanência e fixação em Honório Fraga. Os operários e seus familiares não deixaram o bairro, não havendo registro ou relato de conflitos entre

esses grupos e os novos ocupantes. Ao contrário, a presença de universitários foi vista como um fator positivo ao cotidiano da localidade, tendo sido superado até mesmo eventuais problemas pontuais quanto a festas e episódios de perturbação do sossego.

Decerto parece não haver uma sensação de disputa quanto às ofertas de trabalho ou moradia no território. Uma vez que os universitários geralmente não trabalham ou apenas fazem estágio, ao passo em que residem em cômodos ou apartamentos alugados, os moradores antigos ocupam diferentes postos de trabalho e habitam suas próprias residências, configurando entre dois grupos formas de uso e de ocupação que não necessariamente divergem, geram poucos conflitos nas formas práticas e simbólicas de se relacionar com a localidade.

Becker (1976) junto com seus colegas analisam as relações dos estudantes de medicina com a IES e o território, desde os desafios envolvendo o curso de medicina às relações sociais com os moradores da região. Na medida em que os calouros estudantes de medicina vão se integrando com os veteranos na participação de fraternidades ou não, estabelecendo uma divisão entre os “alfas e os betas”, entre os grupos diferentes, com a comunidade e com a cultura local, vão se percebendo, ou melhor se transformando, em “*boys in white*” com uma tradição própria.

Os “*boys in white*” formavam uma microssociedade na qual os grupos tinham objetivos e delimitações específicas, calouros, veteranos, aqueles que tinham melhores notas e ganhavam destaque nas monitorias, assim como regalias e favores, principalmente dos calouros, também se misturando quando havia interesses pelas mesmas especialidades, sem desarranjar a estrutura social interna deles; calouros geralmente tinham menos “voz ativa” na solução de problemas e também ficavam com os serviços pesados dos dormitórios e das fraternidades. Arranjo que se desfazia quando estavam despídos de seus jalecos brancos, no campus ou fora deles, só eram reconhecidos por aqueles que tinham convívio diário; fora isso, ninguém mais no campus saberia dizer quem eles eram ou a qual grupo pertenciam (Becker, 1976). Um fenômeno semelhante acontece no bairro Honório Fraga: os universitários da área da saúde se destacam por suas vestes brancas, mas, sem elas, se misturavam como estranhos no bairro.

Faz-se cada vez mais importante pesquisas qualitativas que explorem as relações das migrações para além dos vetores econômicos e políticos, tendo no universitário um modelo teórico capaz de preencher lacunas deixadas pela obrigação de abandonar um território, desafio comum nos outros migrantes diante das demandas por mobilidade no contemporâneo.

Ao longo da existência do bairro Honório Fraga, podem ser evidenciados diferentes contextos, o surgimento para suprir as demandas do crescimento populacional devido à industrialização do território, o estabelecimento de uma segunda geração de nativos, filhos dos primeiros(as) operários(as) e novos migrantes em busca de novas condições de trabalho diferente, e a migração dos universitários, acrescentando um novo horizonte no cenário urbano. Coube aos

moradores, como um todo, os nativos e os Universitários, estabelecerem relações de convivência que privilegiaram o bairro como um local de acolhimento dos próprios Universitários, de forma que transformou até mesmo o capital imobiliário.

A transformação do território, por um lado, teve um vetor físico na infraestrutura com a construção de diversos edifícios especializados para atender à demanda imobiliária da migração dos Universitários; por outro lado, atendeu a um modelo de apropriação dos espaços, criando um cenário híbrido, em que o bairro tem um nome oficial, Honório Fraga; contudo, é referenciado também como “universitário”.

O papel desempenhado pelos Universitários foi capaz de reformular a organização das formas de viver no bairro. Decerto, a produção dos espaços urbanos com a verticalização do bairro fez com que a concentração de Universitários ficasse estabelecida no bairro. Conclui-se com evidências de uma correlação positiva no que tange à transformação do território, na medida em que os limites da urbanização do bairro foram rompidos. Contudo, há de se ressaltar que as cidades são construídas socialmente com maior ou menor intensidade igualitária. No que tange ao perfil dos moradores inquilinos do bairro, há uma hegemonia do público universitário, enquanto os locatários ainda são das gerações nativas anteriores. Por sua vez, os Universitários são migrantes e partem do território, em maioria, assim que terminam a faculdade.

O mercado imobiliário do bairro Honório Fraga, enquanto imóveis de aluguel, é aquecido e regulado todos os semestres com a chegada de novos estudantes e as partidas dos formandos. Dentro dessas práticas, o bairro progride e se moderniza com o surgimento de restaurantes, academias para atividades físicas, espaços de lazer etc., para atender a demanda constante dos migrantes universitários. Assim, há de se analisar uma problematização sobre uma tipificação mais diversificada do inquilinato do bairro. Ademais, essa é uma problematização em aberto para futuras investigações sobre esse tema.

Referências

- ALTBACH, Philip G; REISBERG, Liz; Rumbley, Laura E. (2009), *Trends in global higher education: tracking an academic revolution*. Paris, Organisation des Nations Unies pour l'éducation, la science et la culture.
- BACHELARD, Gaston (1996), *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- BAUMAN, Zygmunt (2006), *Confiança e medo na cidade*. Lisboa, Relógio D'Água.
- BAUMAN, Zygmunt (2007), *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BECKER, Howard S. (2008), *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BECKER, Howard S. (1976), *Boys in White: Student Culture in Medical School*. Kansas, Routledge.
- BRITO, Fausto; GARCIA, Ricardo A.; SOUZA, Renata, G.V. (2004), “As tendências recentes das migrações interestaduais e o padrão migratório”, in: Encontro Nacional de Estudos de População, 14, Caxambu. *Anais*. Campinas, Abep.

- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo (1998), “Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 15, n. 2, pp. 45-66.
- CAMARGO, Frank M. (2016), *O direito à cidade: de Henri Lefebvre às análises sobre a cidade capitalista contemporânea*. Folios [online], n. 44, pp. 3-19.
- CARLOS, Ana F. A. (2015), “El derecho a la ciudad como pensamiento-acción”, in C. Mattos, F. Link (orgs). *Lefebvre revisitado: capitalismo, vida cotidiana y el derecho a la ciudad*. Santiago, RIL editores, pp. 233-252.
- CUNHA, Flávio Jr. S.; FORMENTINI, Rafaela de M.; MOURA, Sabrina; SCHAEFFER, Luciana (2021), “A cidade e os equipamentos urbanos: Análise do planejamento das infraestruturas existentes nos bairros Pôr do Sol e Honório Fraca na Cidade de Colatina – ES”. *Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Espírito Santo*. [Consult. 01-01-2023]. Disponível em <https://www.caues.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/A-CIDADE-E-OS-EQUIPAMENTOS-URBANOS.pdf>
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. (2000), *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ESPÍRITO SANTO. *Lei Ordinária nº 799, de 20 de janeiro de 1954*. Governo do Estado, 1954. [Consult. 25/06/2021]. Disponível em <https://leisestaduais.com.br/es/lei-ordinaria-n-799-1954-espírito-santo-autoriza-o-poder-executivo-a-conceder-ao-aero-club-de-colatina-o-auxilio-de-cr-200000-00>
- GIDDENS, Anthony (2002), *Modernidade e identidade*. São Paulo, Ed. Unesp.
- GOHN, Maria da G. (2010), “Morumbi: o contraditório bairro-região de São Paulo”. *Caderno CRH*, v. 23, n. 59, pp. 267-281 [Consult. 09/01/2022]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000200005>
- HAESBAERT, Rogério C. (2014), *Viver no limite*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- HARVEY, David (2020), *Os limites do mundo*. São Paulo, Boitempo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2020). *Censo Brasileiro de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. [Consult. 09/01/2023]. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7308>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2022). *Colatina, 2018*.
- LEFEBVRE, Henri (1980), *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ed. Ática.
- LEFEBVRE, Henri (2001), *Direito à Cidade*. São Paulo, Centauro.
- LIPIETZ, Alain (1985), *Mirages et miracles: problèmes de l'industrialisation dans le Tiers-Monde*. Paris, La découverte.
- MANACORDA, Mario A. (1989), *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo, Cortez.
- RENK, Arlene (199), *Migrações: de ontem e de hoje*. Chapecó, Grifos, 1999.
- SAMPAIO, Helena (2000), *O Ensino Superior no Brasil – o setor privado*. São Paulo, Hucitec, Fapesp.
- SANTOS, Milton (2008), *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record.
- SCHLEICH, Ana Lúcia R. (2006), *Integração na educação superior e satisfação acadêmica de estudantes ingressantes e concluintes*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas.
- TEIXEIRA, Fausto (1974), *Colatina ontem e hoje*. Colatina, Edição promovida pela Prefeitura Municipal de Colatina e Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras.